

# INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO - EXPERIÊNCIA DO MUNICÍPIO DE MUNIZ FERREIRA - BA

Sebastião Loureiro\*

A contribuição que vamos apresentar, tendo em vista a temática central do seminário, é uma visão de reforço da cidadania, ou seja, mais na perspectiva do fortalecimento da sociedade civil. Vamos também, relatar uma interessante experiência de pesquisa-ação que tivemos, na Universidade da Bahia, coordenada pelo Departamento de Medicina Preventiva.

Este trabalho foi desenvolvido em uma área rural, município de Muniz Ferreira, no recôncavo baiano, em um projeto de controle de esquistossomose, cuja base teórica e o centro da atuação (a prática) desse controle, era a questão educacional, com um enfoque privilegiado da questão cultural e da informação.

Para iniciar este diálogo, e esclarecer alguns conceitos, talvez fosse importante trazer essa discussão: o que estamos falando, quando falamos de Informação? Essa mesa-redonda mesmo, possivelmente, vai trazer diferentes abordagens e concepções sobre o significado de informação, comunicação, dados, estatísticas.

Estas são palavras muito presentes no nosso dia-a-dia, inclusive até no falar comum, e até na área acadêmica, esta confusão está presente. O que é realmente um dado? O que é informação? O que é estatística? O que é comunicação?.

**Dado** é uma anotação simbólica que permite uma descrição bastante limitada da realidade. **A estatística** é uma manipulação, mais ou menos complexa, de dados (observe o plural). O dado ou a estatística não coloca a parte da realidade a que se refere, dentro de um contexto. Quando falamos em **informação**, estamos dando uma descrição mais completa da realidade e, mais importante de tudo, estamos fazendo isto através de uma referência a um sistema explicativo mais ou menos, sistematizado. Ou seja, o dado, associado ao referencial explicativo, transforma-se em informação. Temos assim, um sistema mais completo de representação de uma realidade.

Essa representação da realidade, esse referencial pelo qual analisamos, olhamos, vemos ou compreendemos o dado ou a estatística, depende muito da visão de mundo, tanto de quem emite a informação, quanto de quem a recebe. Então, entre a fonte de informação e a recepção da informação, permeia todo um processo cultural de tradução. É esse processo que coloca em um campo comum a informação e a comunicação, na medida em que o processo de tradução tem a ver, basicamente, com a maneira com que fazemos que as outras pessoas entendam aquilo que queremos enunciar (ou anunciar).

Outro ponto importante no processo de informação e comunicação é a notícia, o fato, que estão muito colocados na linguagem mais jornalística. A recepção, a forma, a

---

\* Prof Dr. do Instituto de Saúde Coletiva/UFBA

extensão da surpresa com que a pessoa recebe a informação, permeada pelo seu referencial cultural, por sua visão de mundo, e o impacto que isso ocasiona, é o que nós podemos chamar de notícia. Notícia então, é uma **parte da realidade**, portanto parcial, do ponto de vista de quem fez a escolha da parte da informação, referenciada a uma visão de mundo, e o impacto que ela traz para o receptor. A notícia traz, assim, a questão da novidade.

Na área de Saúde, fala-se muito em estatística, informação, dados, indicadores, etc. A estatística, neste caso, pode ter duas interpretações mais comuns em nossa área: a estatística como um estudo numérico do Estado - a palavra estatística, em geral, vem dessa origem - ou como informações necessárias à tomada de decisão. Ora, nós podemos interpretar, a informação trazendo essa visão cultural da cidadania e da sociedade civil, como uma necessidade para apoiar suas ações. Por que a informação apóia ações? Porque ela reduz a incerteza. Na medida em que quem se informa reduz incertezas, considerando-se estas informações sempre representações parciais da realidade.

Podemos interpretar estes conceitos pela parte estatal, na medida que as informações são importantes para a questão gerencial, de planejamento, etc. Podemos, também, tomar essa concepção de informação para a sociedade civil, na medida em que a organização da sociedade civil e o fortalecimento da cidadania também passam por processos decisórios, nos quais esse grupo organizado, de uma forma mais informada, apóia a sua decisão na medida que diminui certas incertezas como, por exemplo, se a polícia está vindo ou não, num processo de ocupação de terras ou o que seja. Estes conceitos, referentes à estatística e à informação em Saúde coloca novamente a questão de Estado e Sociedade Civil.

Se formos trabalhar com a hipótese do Estado produtor de uma informação útil e necessária, dentro dessa concepção que eu falei de apoiar ação, diminuindo incertezas e que essa informação seja útil para o fortalecimento da sociedade civil, é preciso que pensemos um Estado que queira se negar. É lógico que ela vai ser útil para diminuir as incertezas e apoiar ações do próprio Estado.

Então, podemos ter discussões sobre os profissionais intelectuais orgânicos que trabalham no Estado e que têm uma outra visão de mundo, e que através dessa outra visão de mundo vai criar fissuras nesse Estado no sentido de permitir mudanças, permitir transformações dentro da própria estrutura do Estado.

O que nós temos visto até agora, inclusive até poderíamos dizer, em alguns exemplos onde partidos comprometidos com o processo de transformação não têm utilizado esse processo de uma forma muito mais intensa do que poderia ser, é que a informação na Saúde continua a ser apenas estatística.

Parece que esse processo de utilizar informação para apoiar ações, tem sido, apesar de todas as dificuldades, muito mais intenso do lado da sociedade civil. A sociedade civil, com esse aspecto de autonomia, que se opõe ao Estado na questão da normatização, tem essa característica da autonomia e da liberdade. Nesse sentido, as experiências de se trazer a informação para o âmbito da autonomia e da liberdade, e centralizá-la no apoio às transformações, tem sido mais na sociedade civil. É nesta que

pode ser utilizado esse referencial de visão do mundo, de classes, de agrupamentos que visam, procuram, e buscam um processo de transformação, de emancipação. Não estamos falando aqui de emancipação de proletariado, mas de emancipação de classes subalternas, que a sociedade de classe coloca em posição muito desigual.

Se formos observar alguns processos, alguns materiais ou alguns meios por onde essa informação está sendo passada para o grande público, toma-se clara a diferença de abordagem. Por exemplo, ontem, antes do Jornal Nacional, o ministro da Saúde fez um pronunciamento sobre AIDS, porque hoje é o Dia Mundial da Luta Contra AIDS. Não sei se vocês viram o pronunciamento do senhor ministro, mas se formos contrastar essa informação com uma série de publicações de organizações da sociedade civil sobre AIDS, poderemos entender como o processo cultural permeia o processo de informação/desinformação.

É na sociedade civil onde as inovações estão sendo feitas com maior velocidade. Além do mais, é interessante notar que a sociedade civil, através de suas organizações não governamentais, também não tem preconceito contra a tecnologia. Talvez seja do conhecimento de vocês, a existência de uma rede internacional de comunicação que se chama Alternex, que é uma rede de informação, de solidariedade, que começou visando a defesa dos direitos humanos mas, hoje em dia, tem informações econômicas, informações sobre prevenção de doenças, e muitas organizações não governamentais utilizam esse processo.

Muitas vezes, nas áreas acadêmicas, observa-se um certo preconceito contra a tecnologia, que na sociedade civil não existe. Com as dificuldades que se tem de se informar, de passar essa visão de mundo, lança-se mão do que é possível, de todos os meios possíveis, de todas as possibilidades. E uma delas tem sido essas redes que têm se organizado em diversos países e que têm sido de muita utilidade no intercâmbio de informações. Neste particular, pode-se pensar na sociedade civil, nessas organizações, participando de um processo para ampliar sua visão de mundo para diferentes segmentos da sociedade e modo a impactar, digamos, um processo político.

Este processo pode significar um caminho para o fortalecimento da cidadania e para permitir que a informação seja utilizada no sentido de apoiar ações transformadoras de uma realidade social adversa.

Apenas para exemplificar esse processo nós tivemos uma experiência aqui na Universidade, no Departamento de Medicina Preventiva, onde a nossa abordagem do controle da esquistossomose se deu através de um processo de informação, comunicação, centrado na questão cultural.

Como isso foi feito? A idéia foi procurar entender qual era a visão de mundo da comunidade em relação especificamente a essa doença: formas de transmissão, como se dava o contato, o que eles imaginavam ser doença, que visão subjetiva do que causava essa doença eles tinham, quais eram as conseqüências, etc. A partir daí, desta visão de mundo da população, passamos a trazer peças de informação que eram produzidas conjuntamente com diversos segmentos da população: Grupo de jovens, senhoras católicas, grupos de vizinhos, Câmara Municipal, time de futebol, fabricantes de fogos de

artifícios, etc..

Durante todo este processo trazíamos informações, as mais completas possíveis, sobre o nosso conhecimento a respeito da esquistossomose. Por exemplo, fizemos em conjunto com a população, um ciclo completo de esquistossomose. Coletamos caramujos, mostramos como o caramujo produzia cercária, mostramos o ovo do schistosoma no microscópio, fizemos uma exposição na praça juntamente com plantas medicinais e outros elementos do saber popular relacionados à saúde e doença. Chamamos a esta exposição, "Feira de Idéias" onde poderiam ser "trocados" conhecimentos e informações. Todo este conjunto de informação era mantido e manipulado por pessoas da própria comunidade. A transmissão dessa experiência, e de outras experiências, inclusive de modificação do ambiente, para tornar menos vulnerável ou de diminuir o risco da população, eram todas documentadas através de televisão e a população ou melhor, grupos dessa população mais diferenciados, editavam e faziam um jornal. Esse jornal era passado na praça, dando as notícias do dia, o que é que tinha acontecido naquela comunidade. Os repórteres da própria comunidade, davam as notícias, entrevistavam pessoas a respeito do projeto e da vida da comunidade. Não era colocado no ar somente informações potencialmente geradoras de conflitos ou de "acirramento de conflito de classe". Havia o entendimento de que a sociedade ou comunidade com quem trabalhávamos era mais complexa que os rudimentos esquemáticos que o marxismo nos fornecia para análise da determinação histórica das doenças.

Dentro da própria equipe da pesquisa esta discussão era uma batalha constante, em função das diferentes visões de mundo e posições ideológicas/partidárias dos componentes da equipe. Alguns entendiam a sociedade como composta apenas das classes fundamentais em conflito. Outros entendiam que a sociedade era mais heterogênea, mais complexa dividida também por determinantes superestruturais: cultura, ideologia, religião, etc..

A pauta das reportagens, definidas em conjunto com a comunidade, deixava claro a complexidade daquela comunidade. Assim, não era possível transmitir uma visão particularizada, ou partidarizada dos cientistas, anuviadas pelos seus véus ideológicos.

Neste processo, todas as oportunidades eram consideradas. Por exemplo, as populações do interior têm o hábito muito comum de pregarem calendários na parede. Então fizemos um em que os grupos organizados da comunidade escolheram fotos da cidade e outros materiais, dando informação sobre o ciclo da esquistossomose. Fizemos um pequeno jornal, com artigos da população. Isto deu origem, inclusive, a que outros grupos da comunidade, que tinham uma visão e perspectiva diferente do projeto, fizessem um "pasquim" dando a visão deles, crítica, da nossa participação naquela comunidade. É lógico que não esperávamos uma unanimidade nessa abordagem.

Então, o que essas notas, talvez explicativas, querem mostrar é como se pode construir, ao invés de produzir, a informação para fortalecimento da cidadania, para apoiar ações transformadoras, ao lado da sociedade civil.

Estas experiências, poderiam ser passadas para o nível estatal, na medida em que

este fato social, se transformasse num fato político. Ou seja na medida em que as organizações da sociedade civil pudessem, num determinado momento, conseguir uma certa hegemonia política para combinar a participação social com participação política através de processos democráticos e novas formas de organização do poder do Estado.

Para esse grande grupo, que é a maioria da sociedade, é necessária a construção de uma contra-hegemonia. Daí a ênfase na questão da sociedade civil, porque essa construção da hegemonia dentro de um modelo cultural, que busca de uma identidade social aspira também o poder político.

A cidadania e a participação como fato social, através do processo organizativo, aspira também a uma representação política. E isto está acontecendo. Acontece na medida que existe um processo, ao nível de comunidade, que tem uma representação na instância política da sociedade, que é o Parlamento. Nesta eleição, está comprovado, que várias lideranças políticas podem surgir do processo de organização de uma contra-hegemonia. Por outro lado, a construção de contra-hegemonia, não quer dizer que se use apenas processos alternativos de comunicação. Pelo contrário, deve-se estar na frente, utilizando toda tecnologia disponível a qualquer momento. Não deve existir este preconceito contra a tecnologia. Não! Vamos à televisão. Esta experiência que há 8 anos atrás nós fizemos numa vila do interior da Bahia, usava vídeo-gravador, fazia edição de jornal e ia ao ar. Não competia com o Jornal Nacional, mas passava à noite, um jornal com repórteres, com tomada de ruas, âncoras e tudo mais. Então isto é o uso da tecnologia inclusive para desmistificar ou para entender o processo de mitificação da mídia, e até como é o processo de manipulação da realidade.

Parece que esse é o caminho. É lógico que, em um determinado momento, a questão da sociedade civil, e a incorporação dessas experiências da sociedade civil em propostas políticas, através de partidos políticos, podem se tornar dirigentes de um Estado com características diferenciadas, em determinado momento. Quer dizer, esta é a aspiração. democrática de poder imprimir um outro rumo à sociedade. Por exemplo, a questão do Legislativo e a importante luta no Legislativo pela quebra do monopólio na concessão de canais da televisão, e pela busca de novos canais comunitários. Hoje em dia a grande questão é , por exemplo, televisão a cabo, que vai ser a forma de televisão do futuro, não vai ser mais essa que nós estamos vivendo aqui. Tem que colocar desde agora uma luta, para que uma determinada quantidade desses canais de cabo seja para programas comunitários. Parece que são essas as questões que estão aí nesse processo. Nós não podemos pensar que esse monstro não pode ser dominado, ou não pode ser mudado, transformado em função de uma sociedade mais igualitária, que estamos buscando.